

## OS SENTIDOS DO PROVISÓRIO E DO ILEGÍTIMO NO AUDIOVISUAL CONTEMPORÂNEO

FILETI MARTINS, Marci  
Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL  
[marci.martins@nisul.br](mailto:marci.martins@nisul.br)

Interessa-me discutir certos audiovisuais produzidos com câmeras domésticas, celulares, máquinas fotográficas sem ou com o mínimo de produção, edição ou montagem, disponibilizados na internet, em que não se exploraria, como num audiovisual documental ou ficcional as dimensões estéticas da imagem. De fato, esses materiais carregam certos sentidos que os afastam do pré-construído que sustenta o audiovisual enquanto produção estética. Os enunciados “amadores”, “domésticos” que os caracterizam materializam essa interpretação.

Antes de polemizar diretamente, as possibilidades e impossibilidades estéticas da linguagem desses audiovisuais, busco compreender o seu funcionamento através das condições de produção que propiciaram o seu surgimento. Para isso, é preciso pontuar o papel da internet como elemento constitutivo desses vídeos, já que é a rede o lugar de exposição possível para esses materiais, que não teriam espaço em mídias como televisão, por exemplo. O que se observa é que o desenvolvimento das tecnologias digitais, que culminou no advento da internet, apresenta-se como elemento potencializador das práticas discursivas da atualidade, em que os audiovisuais aqui analisados podem ser considerados casos exemplares.

A experiência contemporânea, por sua vez, se apresenta contraditória, heterogênea, fragmentada, a um sujeito que se constitui ao mesmo tempo por um espaço discursivo já saturado por outro discurso ainda homogêneo e estabilizado. Nesse contexto, a distinção entre o “eu” e o “outro” e entre a realidade e ficção já não são tão evidentes. Isso posto, na contemporaneidade, segundo alguns autores, observa-se deslocamentos nas práticas discursivas, em que destaco certa ruptura com sentidos até então construídos sobre verdade, subjetividade e ficção.

Trago para a análise dois audiovisuais disponibilizados no *site youtube*. O primeiro, denominado “Eu falei que isso ia dá merda” é um vídeo sem nenhuma edição, em que uma mulher vestida num traje com aparência ritualísticas canta repetindo os enunciados “Eu falei que isso ia dá merda” e “Vamos lá irmãos”. Tanto o traje, quanto a

melodia da música e o enunciado “Vamos lá irmãos”, remetem ao discurso religioso. Nesse material, a heterogeneidade se destaca como elemento constitutivo, já que seus sentidos são construídos na relação explícita com os sentidos do outro discurso, nesse caso, o religioso. O vídeo traz ainda, ao seu final, uma referência a Ray Charles quando a cantora conclama o músico à participar da canção. O discurso religioso aí, é novamente acionado já que Ray Charles foi um dos responsáveis pela introdução do ritmo *gospel* no estilo *Rhythm and Blues*.

O outro vídeo “Bate muito!!” disponibilizado também no *youtube*, diferente do anterior, parece ser a captação de um acontecimento real na Turquia. Uma briga de rua em que, dentre os vários homens que se estapeiam, um deles se destaca parecendo um profissional. E mesmo sendo captado por uma câmera doméstica, em que se mantém os ruídos do ambiente e uma voz em *off* que narra a briga em tempo real, o vídeo apresenta um trabalho de edição. Observa-se também a heterogeneidade como elemento de constituição do material, quando na montagem utiliza-se a música *Yés of Tiger* do filme *Rock III*, em que o ator Sylvester Stallone interpreta o lutador Rock Balboa. O filme, por sua vez, já é uma re-significação que traz alguns elementos da história do grande lutador de box, Rock Marciano que, de 1952 a 1956, foi campeão mundial com 49 lutas e 49 vitórias. A heterogeneidade nesses vídeos materializaria a experiência contemporânea que não é mais determinada somente por sentidos absolutizados e homogeneizantes. Segundo alguns autores, tratando especificamente da literatura e do cinema de ficção e documental, cada texto, cada imagem não teria mais o compromisso com um sentido original, sendo ambos entendidos como uma re-significação de um discurso que lhe é anterior. No audiovisual “Eu falei que isso ia dá merda” essa interdiscursividade é acionada através da paródia, em que o riso e a ironia polemizam o discurso religioso. De fato, de acordo com Hutcheon (apud Costa: 2001), a paródia e não a alegoria é o que estaria constituindo a metaficção na atualidade. Os textos paródicos mesmo parecendo negar o mundo social, tem eficácia histórica e política e funcionam polemizando a estética analítica, geométrica e racionalista que negava o histórico e a heterogeneidade.

No vídeo “Bate muito!!” outro elemento das práticas discursivas contemporâneas se destaca. É certa diluição da diferença entre os sentidos postos sobre realidade e ficção, já que mesmo se apresentando como um registro da vida real, “uma briga nas ruas de uma cidade turca”, ao ser editado utilizando como montagem a música “*Yés of Tiger*”, o vídeo

passaria a funcionar como auto-representação discursiva, ou seja, não remeteria somente a algo verossímilante no mundo real, mas também a espaços de representação de outros discursos que lhe são constitutivos.

A partir disso, é possível afirmar que a linguagem desses audiovisuais “amadores” disponibilizados na internet materializam a heterogeneidade e a fragmentação do discurso contemporâneo, contudo, diferente de outros materiais não amadores, nos primeiros exacerba-se a fragmentação, a incompletude, a contradição. A proposta de Gallo (1995) para os discursos da oralidade e da escrita oferece elementos para o entendimento dessa questão. Ela afirma que enquanto o discurso da escrita se constitui produzindo “fechos” e um efeito de sentido único, o discurso da oralidade se constitui provisoriamente, “sem fechos”. Segundo a autora, o efeito de fechamento e coerência do texto se dá por uma assunção de autoria pelo sujeito, ou seja, pela sua inserção em um discurso legitimado, institucionalizado.

Dessa perspectiva, os audiovisuais aqui analisados construídos heterogeneamente e pela ambigüidade entre os sentidos da ficção e da realidade podem ser entendidos como provisórios e sem fechos. Destaco a internet como potencializadora desse não fechamento, pois nesse espaço os materiais formam uma rede de relações, em que podem ser considerados como coleções de fragmentos quase desconexos. A possibilidade de interação do internauta através dos fóruns também produz um sentido de continuidade em que não se produz um efeito de “fim”. Junto a isso, a diluição da autoria que, nesses vídeos, se apresenta tanto pela aceitação da heterogeneidade quanto pela indiferença do autor sobre como e onde o seu texto/vídeo inicia ou termina (COSTA 2001) rompe com a elaboração da função autor, o que traz como consequência a impossibilidade de inserção do sujeito num discurso legitimado.

De tal modo, é, possivelmente, a inscrição desses audiovisuais ditos “amadores” em um discurso não institucionalizado, o que constrói esse sentido de ilegitimidade estética para esses materiais. Contudo, a conjuntura contemporânea constituída por uma fragilização de suas instituições, que perdem consistência e estabilidade, traz consequências para o estabelecimento da legitimidade dos discursos. Assim, no jogo das relações históricas e ideológica da atualidade, são construídas relações de força que desestabilizam a “administração bem organizada” (GALLO idem: 58) dos discursos legitimados e não legitimados. Resultado disso, pode ser tanto a dificuldade em se definir

a arte “superior” da “inferior”, da “comercial”, quanto a valorização de outras vozes, até então marginalizadas, como a feminina e a do “senso comum”.

A questão que surge é se essa “vontade de liberdade”<sup>1</sup>, que parece representar a contemporaneidade, pode sustentar uma sociedade desde sempre determinada pela “renúncia forçada”<sup>2</sup> aos prazeres, renúncia essa que dá a cada um o seu “quinhão de segurança”.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zigmunt. O Mal-estar da pós-modernidade. São Paulo: Zahar, 1998.  
COSTA, Lígia Militz da. Representação e teoria da literatura: dos gregos aos pós-modernos. Cruz Alta, UNICRUZ, 2001.  
GALLO, Solange Leda. Discurso da Escrita e Ensino. Campinas. SP, 1995  
MASCARELLO, Fernando. (org.). História do Cinema Mundial. SP. Papyrus, 2008.

---

<sup>1</sup> Bauman (1997)

<sup>2</sup> Freud apud Bauman (idem)